OPINIÃO

A rainha morreu

CARLA RODRIGUES
ADVOGADA

Na hora da despedida o mundo veste-se de luto para se despedir da rainha, aquela que era vista e sentida um bocadinho como a rainha de todos nós. Morreu aos 96 anos, depois de 70 anos de reinado, de um casamento de onde resultaram quatro filhos, oito netos e doze bisnetos. Foram noventa e seis anos de vida, setenta dos quais a ser a rainha do Reino Unido e líder da *Commonwealth*.

Teve uma vida plena, conheceu e privou com presidentes, primeiros ministros, reis e rainha, príncipes e imperadores, embaixatrizes e embaixadoras, actores e incontáveis cidadãos anónimos.

Teve uma vida longa, não há qualquer dúvida a este respeito, mas é como se os britânicos não estivessem preparados para esta despedida, como se o mundo fosse apanhado de surpresa, como se de uma morte algo prematura se tratasse. E aqui coloca-se a questão: não serão todas as mortes prematuras? Estará um coração que ama e que é amado preparado para a despedida? Ditará a idade de alguém a aceitação sem dor da sua morte? A morte é algo natural, é verdade. Mas também é natural que a morte provoque lágrimas, saudade e sofrimento, e pegando nas palavras do Príncipe William "A minha avó dizia que a dor era o preço que pagamos pelo amor".

O Reino Unido chora, sem prantos, sem gritos, sem grandes manifestações audíveis, à excepção dos aplausos e vivas que substituíram o silêncio inicial aquando da passagem do cortejo fúnebre em direcção ao Palácio de Buckingham. No silêncio cabem grandes dores. No silêncio cabe a maior dor. Sempre assim será...

A par da guarda de honra, do luto profundo envergado, das manifestações de pesar enviadas pelos dirigentes de (quase) todo o mundo, das orações pelos capelões do palácio, as flores, o silêncio e a vigília contínua e incansável, por parte da população, fala a linguagem do amor e do respeito, reflexo do carinho e admiração que nutrem pela sua rainha, um porto seguro, estável, como uma avó querida, de cabelos brancos, bolsas bonitas e vestuário de cores forte (e algumas jóias, bah...). E isto é carinho. É admiração. É amor. Que poderá não se repetir na história difícil que se avizinha para o Reino Unido...

Segura, contida, prudente, forte e serena são alguns dos muitos adjectivos que caracterizam Isabel II, que assumiu o trono após a Segunda Guerra Mundial, num período negro da história, um trono que supostamente não era para si. Aquela que não era para ser rainha (ocupava o quinto lugar na linha de sucessão), acabou por ser a monarca com o reinado mais longo da Grã-Bretanha. Contornou obstáculos, soube manter-se discreta e não ostentar ou manifestar a sua opinião. Geriu tensões políticas, económicas e sociais, sabendo fazê-lo com sabedoria e discrição, colhendo admiração e respeito, quer dos súbditos, quer dos líderes mundiais. Deparou-se com incontáveis escândalos familiares, desde o filho Carlos, ao filho Andrew, ao marido Philip, ao neto Harry, entre tantos outros. Sobreviveu (aparentemente) à morte do marido. Isabel II foi uma voz silenciosa que se fez ouvir num mundo ruidoso.

INTERNACIONAL

Papa chega ao Cazaquistão a condenar invasão "sem sentido e trágica" da Ucrânia

© ANDREW MEDICHINI/AP

O Papa Francisco chegou ao Cazaquistão na terça-feira a condenar a guerra na Ucrânia e a dizer aos líderes cazaquistaneses que, dada a localização do país e a composição étnica e religiosa diversificada, este desempenha um papel único na promoção da paz na região.

Também elogiou a coexistência harmoniosa das diversas comunidades do Cazaquistão e elogiou o compromisso do país com o desarmamento nuclear e a protecção do meio ambiente, bem como a decisão no ano passado das autoridades cazaquistanesas abolirem a pena de morte.

Falando às autoridades civis e ao corpo diplomático no Cazaquistão, o Papa, no seu discurso de 13 de Setembro, disse que está a visitar o país "como um peregrino da paz, procurando diálogo e unidade".

O Cazaquistão, afirmou, representa "uma encruzilhada geopolítica significativa" e, como tal, tem "um papel fundamental a desempenhar na diminuição dos casos de conflito".

Francisco lembrou que quando o seu antecessor, João Paulo II, visitou o país em 2001, foi apenas alguns dias depois dos trágicos ataques terroristas de 11 de Setembro nos Estados Unidos.

Agora, Francisco encontra-se a visitar o Cazaquistão "no decorrer da guerra sem sentido e trágica que eclodiu com a invasão da Ucrânia", observou.

O Papa Francisco disse que veio "para ecoar o apelo de todos aqueles que clamam pela paz, que é o caminho essencial para o desenvolvimento do mundo globalizado".

O Pontífice irá fazer uma visita oficial à capital cazaquistanesa de Nur-Sultan entre 13 e 15 de Setembro para participar na sétima edição do Congresso de Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais.

O Patriarca ortodoxo russo Kirill, que tem apoiado abertamente a invasão da Ucrânia pela Rússia a 24 de Fevereiro, também era suposto participar no encontro, provocando rumores de um possível encontro entre o Papa e o Patriarca, mas desistiu no último minuto.

O Papa Francisco expressou em várias ocasiões o seu desejo de visitar a Rússia e a Ucrânia. A sua visita ao Cazaquistão, que partilha 5.000 milhas de fronteira com a Rússia e também uma parte da fronteira com a Ucrânia, será a mais próxima que esteve de qualquer um dos países desde que a guerra começou, há seis meses.

Leia a notícia completa em https://www.arquidiocese-braga.pt/revistaimprensainternacional/noticia/34914/

PAPA FRANCISCO

12 DE SETEMBRO 2022 · Queridos jovens, renovo o meu convite para participarem na grande peregrinação de jovens que culminará na JMJ de Lisboa 2023 em agosto do próximo ano.

13 DE SETEMBRO 2022 · Precisamos de líderes que deixem que os povos se compreendam e dialogam para estimular a vontade de construir um mundo mais estável e pacífico, pensando nas novas gerações. Para fazer isto é preciso compreensão, paciência e diálogo com todos.

VATICANO

Papa Francisco reforça convite para a JMJ 2023

O Vaticano publicou, esta segunda-feira, a Mensagem do Papa Francisco para a Jornada Mundial da Juventude (JMJ) que decorre em Lisboa, de 1 a 6 de Agosto de 2023.
O Santo Padre escreve que a sua grande mensagem para os jovens é Jesus, com o Seu amor infinito por cada um, a Sua salvação e a vida nova que deu a todos. Por sua vez, Maria é o modelo de como acolher esse imenso dom e comunicá-lo aos outros.
"A cada um e cada uma de vós renovo o meu caloroso convite a participar na grande peregrinação intercontinental dos jovens que culminará na JMJ de Lisboa em Agosto do próximo ano; e recordo-vos que, no próximo dia 20 de Novembro, Solenidade de Cristo Rei, celebraremos a Jornada Mundial da Juventude nas Igrejas particulares espalhadas pelo mundo inteiro", apela o Pontífice.
O Papa Francisco conclui a missiva dizendo que sonha que a JMJ seja palco da alegria do encontro com Deus e com os irmãos e as irmãs. "Reencontraremos juntos a alegria do abraço fraterno entre os povos e entre as gerações, o abraço da reconciliação e da paz, o abraço duma nova fraternidade missionária!", conclui.

© MÁRIO CRUZ / LUSA

OPINIÃO

Guerra não declarada

PAULO AIDO
FUNDAÇÃO AIS

A Irmã Maria de Coppi, de 83 anos de idade, foi assassinada com um tiro na cabeça na noite de terça-feira, 6 de Setembro, na sequência de um brutal ataque à missão de Chipene, em Moçambique. Os terroristas mataram uma mulher, mas nasceu uma mártir…

O ataque terrorista à missão de Chipene, na Diocese de Nacala, impressiona pelo rasto de destruição causado. Todos os edifícios foram incendiados. A igreja, as salas de aula, os internatos para rapazes e raparigas, o centro de saúde, os automóveis… Nada escapou, como se houvesse um propósito absoluto de deixar uma marca, um aviso às populações locais. Quando se escutaram os primeiros gritos, os primeiros tiros, ao começo da noite, todos procuraram fugir, escondendo-se nas matas. A irmã italiana, ao tentar aproximar-se dos dormitórios, para proteger as crianças e os jovens que ainda por lá se encontrassem, foi barrada pelos terroristas que a mataram com um tiro na cabeça. Maria de Coppi teve morte imediata. Horas depois, o grupo jihadista Daesh reivindicaria o ataque através de uma mensagem publicada na Internet em nome da Província do Estado Islâmico da África Central. Nessa mensagem, os terroristas justificaram o assassinato da irmã italiana por ela estar "excessivamente comprometida com a disseminação do cristianismo".

Um milhão de deslocados face a estas declarações dos terroristas, o Bispo de Nampula, D. Inácio Saure – que é também o presidente da Conferência Episcopal de Moçambique – não teve dúvidas em afirmar que Maria de Coppi "é uma mártir da fé". O ataque à missão comboniana de Chipene provocou um sobressalto generalizado nas populações. De um dia para o outro, as aldeias ficaram vazias, com as pessoas, assustadas, a procurar abrigo nas principais cidades, Nampula e Nacala, até porque, dias antes, outras localidades situadas na região já haviam sido atacadas, com muitas casas queimadas e algumas pessoas assassinadas, quase sempre num registo de grande brutalidade. Estamos em 2022. Os primeiros ataques terroristas em Moçambique aconteceram no norte do país, em Cabo Delgado, no início de Outubro de 2017. Agora, cinco anos depois, a violência chega à província de Nampula, fazendo crescer ainda mais o já enorme rasto de destruição e morte. O balanço destes cinco anos não podia ser mais trágico: há cerca de 4 mil mortos e cerca de 1 milhão de deslocados. A Irmã Maria de Coppi é mais uma mártir desta guerra não-declarada que se vive em Moçambique.

© IRMÃS COMBONIANAS

ENTREVISTA

"A TEOLOGIA SÓ FAZ SENTIDO COMO REFLEXÃO ECLESIAL"

PAULO GABRIEL SOUTO (ENTREVISTA E FOTOS)

O PRÉMIO ÁRVORE DA VIDA – PADRE MANUEL ANTUNES FOI INSTITUÍDO PARA DESTACAR UM PERCURSO OU OBRA QUE REFLICTA O HUMANISMO E A EXPERIÊNCIA CRISTÃ. O JÚRI DO PRÉMIO CONSIDEROU JOÃO DUQUE COMO "UM CRUZADOR DE FRONTEIRAS" ENTRE A TEOLOGIA E A FILOSOFIA, OS SABERES E A ARTE.

[Igreja Viva] O que representa este prémio para si?
[João Duque] Tendo em conta que este prémio ganhou uma cidadania bastante significativa no país, no âmbito da cultura e no âmbito eclesial, sempre achei algo desmesurado. E não é falsa humildade porque eu também não gosto disso. Tenho a consciência, não sei se correcta mas pelo menos bastante clara, de que muitos colegas meus em circunstâncias idênticas teriam feito o que eu fiz até agora, de forma igual ou até melhor. Pessoalmente fiz uma escolha de vida um bocado estranha para o habitual. Não sendo clérigo, dediquei-me à Teologia num país que não tem tradição de teólogos leigos. Não fui dos primeiros em Portugal a fazer isso, mas não é habitual. Tendo em conta isso, acho interessante o reconhecimento da validade da minha escolha, quer para o ambiente cultural português, quer para o ambiente eclesial. Em certo sentido, é um reconhecimento de uma opção que valeu a pena. A minha escolha foi sempre uma escolha não muito inserida dentro dos quadros tradicionais da Teologia. Uma Teologia virada mais para os desafios externos da cultura contemporânea. Nunca me conformei muito com a Teologia mais virada para dentro, mais para formação dos quadros eclesiásticos, ou algo do género. Não sou o único, nem de perto, nem de longe. Ainda assim, acho interessante que tenha sido reconhecido que a minha opção foi uma mais-valia. Na prática, este prémio surge como confirmação de algumas opções que fiz: quando há mais pessoas convencidas de que são opções correctas para além de mim, ajuda um pouco a confirmar essas opções. Nesse sentido, agradeço e, evidentemente, quando alguém nos dá algum reconhecimento, há que aceitar com gratidão. Não me compete a mim dizer se é adequado ou não.

[Igreja Viva] Estava à espera desta distinção?
[João Duque] Isso, efectivamente, não. O prémio, até agora, nunca foi atribuído a teólogos. Manoel de Oliveira, Eduardo Lourenço, etc., são nomes com um impacto muito grande na vida cultural, nacional e internacional. Fui seguindo mais ou menos as atribuições deste prémio e nunca imaginei que pudesse acontecer isto. Quando me telefonaram na ocasião a dizer que tinha sido o escolhido do Júri, não sabia bem que reacção ter, porque não era mesmo expectável. Mas se foi a decisão do Júri, o que é que posso dizer?

[Igreja Viva] É mais gratificante saber que a decisão do Júri foi unânime?
[João Duque] Eu acho que, provavelmente, deve ser quase sempre. Acredito, sendo eu alguém mais do âmbito interno da igreja, que pudesse haver diversidade de posições. Acredito que nem todos os que lêem alguma coisa do que eu escrevo estejam de acordo com o que está escrito, ou que considerem que seja uma Teologia muito ortodoxa. Nesses casos poderia eventualmente haver quem não considerasse que fosse interessante. Apesar disso, os membros do Júri consideraram que era adequado distinguir-me. Isto é um prémio anual e, portanto, há muita gente que igualmente merece. A questão do mérito é sempre um bocado estranha de quantificar. Creio que não há um *ranking* dos teólogos portugueses. Isso não existe porque as pessoas são muito variadas. Uns são bons numas coisas, outros noutras, uns têm mais personalidade, outros têm menos.

[Igreja Viva] O prémio é atribuído pela Igreja Católica para assinalar uma "figura marcante da cultura portuguesa". Considera-se uma dessas figuras?
[João Duque] Sempre tive interesse em estabelecer relações com a cultura, com alguma literatura e, sobretudo, com o pensamento filosófico português e também internacional. No fundo, que a Teologia tivesse algum impacto no ambiente cultural. Francamente, não sei se tem tanto impacto assim. Os membros do Júri, como a grande parte não são teólogos, podem avaliar o caso melhor do que eu. Acho que poderão exagerar um bocadinho na pretensão de que a Teologia que eu e outros meus colegas vamos escrevendo tenha algum impacto cultural significativo. Nós gostaríamos que tivesse, fazemos esforço para que tenha, mas no espaço público português... duvido. Acredito que com o trabalho intensivo ao longo do tempo vá ganhando mais destaque. Ainda assim, se se considerou que um certo perfil de Teologia possa ter mais facilidade em levar a esse impacto, fico grato por isso e agradeço, sobretudo em nome da Teologia. Quer queiramos, quer não, Portugal ainda é um país um bocadinho alheio sobretudo ao mundo teológico. Acredito que pode ser mais atento à questão da religiosidade popular, de certas práticas, visto que as próprias comunidades eclesiais não têm uma relação muito forte com o ambiente teológico. pesar de tudo, há uma transformação muito notável das últimas décadas. Quando eu comecei a estudar Teologia em Portugal, esta era muitíssimo mais desconhecida de todos os quadrantes. Neste momento há mais gente que estuda Teologia. Se não for o curso completo, pelo menos formação teológica básica. Em consequência, a ignorância relativamente à Teologia é inferior àquilo que eu experimentei como estudante. Portugal transformou-se bastante nesse contexto.

[Igreja Viva] Foi considerado pelo Júri do prémio como "um cruzador de fronteiras" entre a Teologia e a Filosofia: Que fronteiras são essas?
[João Duque] Eu acho que o Júri acentuou essa dimensão porque é a que eu tenho tentado dar à Teologia. Considero que a Teologia só faz sentido como reflexão eclesial. É nossa função como teólogos tra-

© PAULO GABRIEL SOUTO

"Nós temos um paradigma, que é um paradigma evangélico, da própria forma de estar de Jesus, que fez tudo menos estabelecer fronteiras demasiado rígidas e demasiado pré-estabelecidas."

balhar, não só no âmbito académico dos saberes, mas também na fronteira com outras perspectivas da realidade. Se na Teologia não conseguirmos acolher os desafios dessa diversidade de perspectivas e diversidade de saberes, não estamos a prestar um bom serviço à Teologia. Desde o primeiro ou segundo século que a questão essencial é a relação com o exterior. Nessa relação às vezes as fronteiras ficam muito esbatidas. A reflexão humana é uma reflexão aberta e preocupada com perceber o que possa fazer sentido para a nossa existência. Seja existência pessoal, comum, social, futuro, futuro da humanidade, sobrevivência do próprio planeta, etc., tudo isso são questões que dizem respeito a toda a humanidade. Em rigor, todos os saberes, nomeadamente no contexto universitário, ou se preocupam com essas questões, ou são inúteis. Para que queremos nós que as pessoas saibam coisas se não ajudam os humanos a viver de forma mais humana ou a preparar um futuro mais interessante? Assim, a Teologia ajuda a que a fé cristã dê um contributo significativo para esse problema que é de todos os humanos. Se isso não se verificar, então não faz sentido a fé cristã nem faz sentido a Teologia. Pode ser uma abordagem mais teológica, filosófica, das ciências humanas ou sociológicas, no final as fronteiras das questões tornam-se bastante ténues. A diferença está na forma de abordagem e na aplicação de alguns métodos de estudo. Quando me refiro a fronteiras, podemos tomar como exemplo aqui a nossa fronteira do norte com Espanha. São fronteiras comuns, em que as diferenças de um lado e do outro se esbatem muito e são muito ténues. Estas fronteiras são, de facto, muito mais híbridas. O interessante da Teologia é perceber e identificar isso na humanidade. Na perspectiva da Teologia cristã, todos esses "hibridismos" de fronteira têm imenso interesse. Nós temos um paradigma, que é um paradigma evangélico, da própria forma de estar de Jesus Cristo, que fez tudo menos estabelecer fronteiras demasiado rígidas e demasiado pré-estabelecidas. É, sem dúvida, uma fronteira muito fluida.

[Igreja Viva] Que importância tem a distinção de um trabalho académico por parte da Igreja?

[João Duque] Às vezes estabelecem-se fronteiras muito rígidas, porque se acha que a vida académica é prejudicial à vida pastoral, e que a vida pastoral nada tem que ver com a vida académica. Sempre que a vida académica resultar em academismos fechados, estamos perante um problema. Nesses casos, há razão da parte da vida pública em questionar a pertinência de uma academia que depois se fecha em si mesma e vive simplesmente de forma auto-referencial, produzindo as suas coisas, mas sem grande impacto no resto da sociedade. A Teologia académica, para mim, é um exercício muito importante para a Igreja. Primeiro porque tem que conseguir discutir a fé no nível académico. A capacidade de perceber o fundamento da fé, de perceber o nível antropologicamente profundo do que é acreditar, o significado que isso pode ter para um humano, de qualquer nível, sem precisar de entrar pela superstição. É um trabalho que nós, teólogos, temos de fazer na própria academia. No caso concreto de Portugal, a igreja ainda ocupa um espaço significativo da nossa sociedade. Posto isto, a reflexão académica sobre as questões relacionadas com a fé terá que ter impacto depois na vida quotidiana das comunidades eclesiais, assim como a investigação em Medicina tem na vida quotidiana da saúde, a investigação em Gestão tem na vida quotidiana das empresas, etc. Portanto, torna-se uma falsa opção colocar como alternativa à vida quotidiana das comunidades eclesiais o trabalho teológico. Essa falsa alternativa pode levar a uma igreja sem trabalho académico, levando a que esta se possa vir a tornar pouco auto-crítica. Como consequência, a manipulação das pessoas torna-se muito fácil porque não há trabalho crítico suficiente. Nesse sentido aprecio muito o facto de que a Conferência Episcopal Portuguesa, responsável por toda a organização pastoral da Igreja em Portugal, reconheça que o trabalho teológico também académico é um trabalho importante na vida quotidiana.

[Igreja Viva] Foi o primeiro teólogo a receber o Prémio Árvore da Vida: O que representa isto para a Teologia?

[João Duque] Em Portugal tivemos várias fases de trabalho teológico. Podemos destacar a famosa escola de Coimbra, que embora num ambiente um pouco mais hispânico, marcou um ponto alto do trabalho teológico. Após a crise teológica que levou ao seu encerramento, os estudos migraram para os seminários. Aí destaca-se uma Teologia com outro perfil, de carácter mais interno. Em meados do século XX surge a Faculdade de Teologia na Universidade Católica. Isso permitiu que, de 1967 em diante, as pessoas se dedicassem a tempo inteiro e de forma profissional à Teologia académica. Passados mais de 50 anos, há certamente impacto da Teologia na cultura portuguesa. Este prémio acaba por ser o reconhecimento da Conferência Episcopal Portuguesa da validade da aposta na Faculdade de Teologia. Porém, o reconhecimento da Conferência Episcopal Portuguesa não se resume a este prémio. É exemplo disso o facto de a própria formação dos seminaristas ser feita dentro de um contexto de Faculdade de Teologia. Evidentemente que, como tudo, tem as suas fragilidades, mas no cômputo geral foi de facto uma decisão bem conseguida e que permite um desenvolvimento consistente da Teologia em Portugal. Eu nunca poderia ter dedicado os últimos 25 anos da minha vida à Teologia se não houvesse uma Faculdade em Portugal. Damos um contributo não só para a Igreja em Portugal, mas para a Igreja Universal e quanto mais nos abrirmos para o exterior, mais a igreja em Portugal também beneficia disso com horizontes mais abertos. Este prémio pode significar também o apreço pelo trabalho desenvolvido pela Faculdade de Teologia e pela da Universidade Católica. Há universidades católicas que não têm Faculdade de Teologia. A nossa Universidade Católica sempre teve e quer ter Faculdade de Teologia. Esperemos também que a Conferência Episcopal Portuguesa possa continuar com a confiança de que a Universidade Católica continuará a dar apoio à Teologia em Portugal.

“Têm Moisés e os profetas: que os oiçam!”

XXVI DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Entronizar a Bíblia, com envolvência florida

ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Am 6, 1a.4-7
Leitura da Profecia de Amós
Eis o que diz o Senhor omnipotente: "Ai daqueles que vivem comodamente em Sião e dos que se sentem tranquilos no monte da Samaria. Deitados em leitos de marfim, estendidos nos seus divãs, comem os cordeiros do rebanho e os vitelos do estábulo. Improvisam ao som da lira e cantam como David as suas próprias melodias. Bebem o vinho em grandes taças e perfumam-se com finos unguentos, mas não os aflige a ruína de José. Por isso, agora partirão para o exílio à frente dos deportados e acabará esse bando de voluptuosos".

Salmo responsorial
Salmo 145 (146), 7-10 (R.1b)
Refrão: Ó minha alma, louva o Senhor.

LEITURA II 1 Tim 6, 11-16
Leitura da Primeira Epístola do Apóstolo S. Paulo a Timóteo
Caríssimo: Tu, homem de Deus, pratica a justiça e a piedade, a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão. Combate o bom combate da fé, conquista a vida eterna, para a qual foste chamado e sobre a qual fizeste tão bela profissão de fé perante numerosas testemunhas. Ordeno-te na presença de Deus, que dá a vida a todas as coisas, e de Cristo Jesus, que deu testemunho da verdade diante de Pôncio Pilatos: Guarda o mandamento do Senhor, sem mancha e acima de toda a censura, até à aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo, a qual manifestará a seu tempo o venturoso e único soberano, Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui a imortalidade e habita uma luz inacessível, que nenhum homem viu nem pode ver. A Ele a honra e o poder eterno. Amen.

EVANGELHO Lc 16, 19-31
Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas
Naquele tempo, disse Jesus aos fariseus: "Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e linho fino e se banqueteava esplendidamente todos os dias. Um pobre, chamado Lázaro, jazia junto do seu portão, coberto de chagas. Bem desejava saciar-se do que caía da mesa do rico, mas até os cães vinham lamber-lhe as chagas. Ora sucedeu que o pobre morreu e foi colocado pelos Anjos ao lado de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado.
Na mansão dos mortos, estando em tormentos, levantou os olhos e viu Abraão com Lázaro a seu lado. Então ergueu a voz e disse: «Pai Abraão, tem compaixão de mim. Envia Lázaro, para que molhe em água a ponta do dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nestas chamas». Abraão respondeu-lhe: «Filho, lembra-te que recebeste os teus bens em vida e Lázaro apenas os males. Por isso, agora ele encontra-se aqui consolado, enquanto tu és atormentado. Além disso, há entre nós e vós um grande abismo, de modo que se alguém quisesse passar daqui para junto de vós, ou daí para junto de nós, não poderia fazê-lo». O rico insistiu: «Então peço-te, ó pai, que mandes Lázaro à minha casa paterna – pois tenho cinco irmãos – para que os previna, a fim de que não venham também para este lugar de tormento». Disse-lhe Abraão: «Eles têm Moisés e os Profetas: que os oiçam». Mas ele insistiu: «Não, pai Abraão. Se algum dos mortos for ter com eles, arrepender-se-ão». Abraão respondeu-lhe: «Se não dão ouvidos a Moisés nem aos Profetas, também não se deixarão convencer, se alguém ressuscitar dos mortos»".

REFLEXÃO

A conclusão final da parábola – o rico condenado e o pobre salvo por Deus – é um convite à conversão. Trata-se, desde já, de amar a Deus e aos irmãos. O discípulo "pratica a justiça e a piedade, a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão".

“A perseverança e a mansidão”
As situações repetem-se em diferentes matizes. O abismo entre ricos e pobres continua a ser uma situação dolorosa na atualidade. Os textos bíblicos deste Domingo são uma advertência contra um estilo de vida luxuoso e egoísta, agravado pela indiferença em relação aos mais necessitados que jazem à nossa porta.
O objectivo é abrir para o outro a porta do nosso coração e da nossa vida. Porque cada pessoa é um dom, seja um vizinho ou um desconhecido. De modo especial, aqueles e aquelas que precisam da nossa atenção são um dom ainda maior, já que os pobres e os marginalizados estão no centro da mensagem e da acção de Jesus Cristo.
No número 187 da Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual, o Papa Francisco afirma que "cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo".
O exemplo é dado pelo próprio Deus que escuta o clamor dos pobres e se mostra solícito com as suas necessidades. Por isso, "ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projecto». Esta falta de solidariedade "influi directamente sobre a nossa relação com Deus".
Ser discípulo, essa relação vital com o Mestre, implica a prática das virtudes. Exorta a Primeira Carta a Timóteo: "Tu, homem de Deus, pratica a justiça e a piedade, a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão". Somos chamados à vida eterna!
A indiferença em relação aos pobres ou aos que vagueiam por uma qualquer periferia, social e/ou existencial, não nos identifica como discípulos, contraria a relação vital com o Mestre, afasta-nos de uma vida tranquila e pacífica (cf. «episódios» anteriores).
Ser discípulo, mais do que dar esmola, é fazer o que nos compete para ajudar o pobre a sair da situação em que se encontra, para uma vida digna.

Guiado pela mansidão
Ser discípulo é praticar a justiça e a piedade, a fé e a caridade, a perseverança e a mansidão. Esta é uma das atitudes mais importantes que, como discípulos, temos para oferecer aos homens e mulheres do nosso tempo.
Ser discípulo é contribuir para implementar "um cristianismo de mansidão: mansidão como plena maturidade, mansidão como condição de autêntica potência de vida, mansidão como disponibilidade para estarmos juntos» *(Armando Matteo)*. Em nada tem que ver com permissividade ou falsa bonomia.
Ser manso é ter a capacidade de antecipar um futuro melhor, é descobrir a presença poderosa do bem para lá de qualquer prepotência do mal. Inaugura um modo diferente de habitar o mundo e de se relacionar com as outras pessoas.

EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações do Domingo XXVI do Tempo Comum(*Missal Romano*, 451 / 389)
Prefácio e Oração Eucarística: Para as diversas necessidades IV "Jesus passou fazendo o bem" (*Missal Romano sem canto*, 779ss / 590ss)

SAIR EM MISSÃO DE AMAR

Jesus diz-nos: "têm Moisés e os profetas: que os oiçam!" Então, vamos cumprir o que O Mestre nos manda. Durante esta semana, a cada dia, vamos ler um capítulo (ou apenas um versículo), de um dos livros Proféticos (Antigo Testamento). Assim, iremos louvar o Senhor, que tudo nos dá e que nos sustenta.

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– Entrada: *Vós sois justo, Senhor* – F. Valente
– Ap. Dons: *Bendito sejas, Senhor, nosso Deus* – F. Santos
– Comunhão: *Bendito Deus, nosso Pai* – Az. Oliveira
– Final: *Vamos partir* – F. Silva

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear caridade

Acólitos

Em hebraico, "Templo" e "Palácio" são a mesma palavra e situavam-se nos mesmos lugares. O poder religioso esteve sempre associado ao poder civil e os seus excessos eram, muitas vezes, comuns. Os sacerdotes banqueteavam-se com os governantes esquecendo o povo. Os ministros do altar não se devem extasiar com os seus requintes litúrgicos e esquecer que fazem parte do povo e são solidários com as suas aflições.

Leitores

A verdade do Evangelho não se proclama apenas com a voz; testemunha-se como Jesus testemunhou diante de Pilatos. Por isso, guardar a Palavra implica viver uma vida sem mancha para que essa mesma Palavra seja recebida na sua pureza. Assim, antes de proclamar o Evangelho diz-se: "Deus todo-poderoso, purificai o meu coração e os meus lábios, para que eu anuncie dignamente o vosso santo Evangelho".

Ministros Extraordinários da Comunhão

A fé não consiste apenas em pertencer a um grupo que partilha convicções. A fé é um combate que vence o eterno lamento: "ai se eu soubesse!" Não podemos dizer que não sabíamos e não precisamos que alguém do Além nos revele o que podemos ler na Palavra de Deus. O MEC deve testemunhar que, na Eucaristia, Deus já nos deixou o seu maior milagre e nada maior devemos procurar para nos levar à conversão.

Músicos

A música tanto é usada nas canções de intervenção como nos salões burgueses, tanto anima os arraias populares como as danças de gala nos salões dos palácios. Para uma música ser sacra não basta que tenha pureza de formas ou que use os textos da Sagrada Escritura. Pode acontecer que se improvise ao som da lira e se cante como David, mas alheados do sofrimento do povo. Essa música nunca será música sacra.

Celebrar em comunidade

Evangelho para a vida

O Evangelho mostra-nos que a vida deste mundo prepara a do outro mundo; na medida em que vivermos aqui configurados com Cristo, nessa medida nos prepararemos para participar da sua glória. De igual modo, a primeira leitura começa por nos pôr de sobreaviso contra as falsas seguranças deste mundo, sobretudo contra as riquezas e os prazeres tidos como ideal. Com São Paulo, na segunda leitura, aprendemos que a vida é tempo de luta. Para o cristão ela tem de ser conduzida segundo as normas da fé; doutro modo, não seria uma vida cristã. O termo desta luta cristã é a aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo na sua glória, ao encontro de quem caminhamos. No Evangelho, o contraste entre a vida terrena do rico avarento e a do pobre, bem como depois a vida futura de um e de outro mostram como será o resultado do bom ou mau uso que fizermos dos dons de Deus. É ele, afinal, que dá sentido à vida e lhe garante uma realização feliz ou infeliz, e isto para todo o sempre.
A boa administração dos bens leva--nos a cuidar dos mais carenciados, experimentando um verdadeiro ambiente de fraternidade cristã.

Oração Universal

Irmãs e irmãos caríssimos: invoquemos o Senhor Jesus Cristo, que ama todas as pessoas e a todos chama à felicidade eterna, dizendo:
R. *Jesus Cristo, ouvi-nos.*

1. Pelo nosso arcebispo D. José Cordeiro, dado por Deus à sua Igreja, pelos presbíteros ao serviço do Evangelho e pelos diáconos, servidores da caridade, oremos.

(...)

A versão completa do subsídio litúrgico encontra-se disponível em www.arquidiocese-braga.pt/liturgia/

MILHARES DE FIÉIS NA PEREGRINAÇÃO À SENHORA DA PENHA

Após dois anos de restrições, devido à Covid-19, os fiéis do arciprestado de Guimarães/Vizela voltaram a subir até ao alto do monte de Santa Catarina, para cumprir a 129.ª peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Penha. Foram milhares os devotos que, seguindo o modelo habitual, fizeram a caminhada desde a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira até ao Santuário, no dia em que este celebrou os 75 anos de existência. Além de presidir à celebração, o Arcebispo de Braga realizou a caminhada, juntamente com sacerdotes do arciprestado, a Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, escuteiros e restantes grupos paroquiais e confrarias. A peregrinação deste ano tinha como lema "Com Maria, tornemo-nos habitação do Amor". Durante a homilia, D. José Cordeiro lembrou que "a Eucaristia é o centro, o momento mais importante" de uma peregrinação. "Alguns dispensam-se da Eucaristia porque estão cansados, nós que peregrinamos porque estamos cansados, é que precisamos da Eucaristia, precisamos de escutar juntos a Palavra, de partilhar juntos o pão e de dar sentido à nossa vida", acrescentou. O Arcebispo de Braga referiu-se ao Santuário da Penha como um "tesouro inestimável", e enalteceu ainda a grande participação de confrarias, irmandades, paróquias e também de jovens, principalmente escuteiros, na 129.ª peregrinação arcipestral. Recorde-se que as peregrinações ao monte de Santa Catarina eram realizadas à gruta de Nossa Senhora que actualmente se situa perto da estátua de Pio IX. Com a construção do santuário, as celebrações passaram para lá por uma questão de comodidade.

REVISTA PORTUGUESA "FAMÍLIA CRISTÃ" ACABA NO FINAL DO ANO

A revista católica portuguesa "Família Cristã" vai deixar de ser publicada. O anuncio foi feito através de um comunicado do director-geral da Paulus Editora, padre Favio Marín. O Sacerdote explica que "a decisão está relacionada com a quebra do número de assinantes, e o aumento dos custos na produção". O comunicado refere que a última publicação da revista "Família Cristã" será em Novembro/Dezembro, estando a ser preparada uma edição especial. O número zero da revista surgiu em Dezembro de 1954, com o nome "Família". A primeira edição foi lançada um mês depois. No final da década de 50 assume o nome de "Família Cristã". A publicação é extinta após 68 anos de existência.

Director: Damião A. Gonçalves Pereira · Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Paulo Terroso, Pe. Tiago Freitas, Flávia Barbosa, Paulo Gabriel Souto) · Design: Diário do Minho · Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt